

É o quê?: estratégia de interação ou sequenciação?

(É o quê? interactional or sequential strategy?)

Raquel Meister Ko. Freitag

Departamento de Letras – Universidade Federal de Sergipe (UFS)
rkofreitag@uol.com.br

Abstract: In this text, we analyze occurrences of constructions that function as discourse markers in spoken language although they do not belong prototypically to this category. These constructions present semi-rhetorical question features; act as contact elements between interlocutors, ask the hearer concordance and/or maintain the conversational flux by focusing the hearer's attention on specific parts of the text, in focalization function. We verify if these constructions can be the basis for the grammaticalization of discourse markers and what are the incipient signs of regularity related to the occurrence of contexts and functions.

Keywords: non-prototypical discourse markers; semi-rhetorical questions; interaction strategies; sequential strategies.

Resumo: Neste texto, são analisadas em amostras de fala ocorrências de construções que funcionam como marcadores discursivos, embora não se enquadrem prototipicamente na categoria. As construções apresentam traços de pergunta semirretórica, funcionando tanto como elemento de contato entre os interlocutores, pedindo a aquiescência do ouvinte e/ou mantendo o fluxo conversacional, como solicitando a atenção do ouvinte para certas partes do texto, na função de focalização. Busca-se verificar se essas construções podem ser base para a gramaticalização de marcadores discursivos e quais os indícios incipientes da regularidade, em termos de contextos de ocorrência e funções.

Palavras-chave: marcadores discursivos não prototípicos; perguntas semirretóricas; estratégias de interação; estratégias de sequenciação.

Introdução¹

No âmbito do projeto *Procedimentos discursivos na fala de Itabaiana* (FREITAG, 2007), analisando amostras de fala do banco de dados do GELINS (Grupo de Estudos em Linguagem, Interação e Sociedade), encontram-se ocorrências de construções que funcionam como marcadores discursivos, embora não se enquadrem prototipicamente na categoria, como as ilustradas em (01):

(01) “o arroz de forno... VOCÊ PEGA O QUÊ? um quilo de arroz bota pra cozinhar... com... com sazón... pode ser pra::: arroz branco... como você preferir... vários gosto de sazón né?”²

Aparentemente, a construção é uma pergunta semirretórica – aquela em que o falante pergunta e ele mesmo responde – mas cuja estrutura é regular e frequente na amostra analisada (FREITAG, 2008), funcionando tanto como elemento de contato entre os interlocutores pedindo a aquiescência do ouvinte e/ou mantendo o fluxo conversacional, como solicitando a atenção do ouvinte para certas partes do texto, na

¹ Agradeço aos pareceristas que avaliaram este texto, pelas pertinentes sugestões dadas.

² Os dados foram retirados da amostra Entrevistas Sociolinguísticas, do banco de dados do Grupo de Estudos em Linguagem, Interação e Sociedade (GELINS). A classificação das entrevistas do banco de dados do GELINS provisoriamente é formada pela sigla informando o sexo do falante (F para feminino e M para masculino) e a faixa etária (J para 16 a 25 anos, A para 25 a 49 anos e B para mais de 50 anos). O número ao final refere-se ao informante. A classificação por tempo de escolarização ainda não foi implementada.

função de focalização. Note-se que esta construção é diferente, sintática e semanticamente, das construções sinalizadoras de elaboração, descritas por Braga e Alencar (2008), as quais travam relações paratáticas e/ou hipotáticas com os segmentos do complexo oracional. As construções do tipo *é o quê?*, apesar de sua regularidade em termos de relativa frequência de uso no falar analisado, apresentam comportamento mais frouxo, sintática e semanticamente, ampliando sua atuação para além do limite do complexo oracional, daí o encaminhamento para considerá-la no âmbito dos marcadores discursivos (não prototípicos, nos termos de Silva (1999)).

Neste texto, são analisadas 12 entrevistas do banco de dados do GELINS, a fim de se discutir as possibilidades de a construção ser base para a gramaticalização de marcadores discursivos e de se buscar indícios da regularidade da construção, em termos de frequência de uso e evidências translinguísticas que possam apontar para uma possível trajetória de gramaticalização.

Marcadores discursivos: uma tipologia de suas funções

A categoria dos marcadores discursivos, por não ser prevista na gramática normativa, costuma ser estigmatizada e associada a vícios de linguagem ou cacoetes linguísticos. O cenário negativo dos marcadores discursivos, entretanto, parece estar mudando: diversos estudos vêm apresentando propostas de sistematização de seu comportamento, apontando direcionais para elevar os marcadores discursivos ao status de elementos gramaticais.

Esse fenômeno pode ser visto sob a perspectiva textual-interativa, nos moldes como proposto por Risso, Silva e Urbano (2006), Risso (2006) e Urbano (2006). Nessa perspectiva, as construções sob análise são desviantes das matrizes padrões definidoras de marcadores discursivos prototípicos (RISSO; SILVA; URBANO, 2006): apresentam o traço “basicamente orientador da interação”, um forte traço definidor de marcadores discursivos prototípicos. No entanto, apresentam também os traços “totalmente transparente”, “comunicativamente autônomo”, “além de três sílabas tônicas” e “baixa frequência”, fazendo com que as construções do tipo *é o quê?* desviem dos traços caracterizadores de marcadores prototípicos. Em uma abordagem mais estrita, talvez não pudessem ser consideradas nem mesmo como marcadores não prototípicos.

Porém, assumindo a concepção de marcadores de discursivos proposta por Traugott (1995), a qual correlaciona as funções desses elementos às funções da linguagem de Halliday (1976), permite que se estabeleça um contínuo de emergência e gramaticalização das funções desempenhadas por essas construções. Para tanto, faz-se necessário primeiramente estabelecer quais as funções que esses elementos desempenham. As propostas de classificação para os marcadores discursivos costumam partir da abordagem de Halliday para as funções da linguagem.

O modelo de funções de linguagem de Halliday (1976) foca os componentes semântico-funcionais da linguagem humana, pressupondo que o sistema linguístico é um conjunto de possibilidades de escolhas relacionadas a um dado tipo de constituinte, de caráter sintagmático, ao qual estão ligadas três funções: a ideacional, a interpessoal e a textual. A função interpessoal organiza os turnos conversacionais e mantém a interação falante/ouvinte; a função ideacional foca negociação do tema entre falante e ouvinte, considerando sua relação de experiência com o mundo real e o seu mundo interno; e a função textual refere-se ao modo como os falantes constroem suas mensagens e sua maleabilidade em função do evento comunicativo.

Para Castilho (1989, p. 273-274), perpassa aos marcadores discursivos uma função mais abrangente, a textual, da qual são derivadas outras duas: a interpessoal e a ideacional. Já Görski, Dal Mago e Rost (2004) buscam explicar as funções de marcadores discursivos a partir de Traugott (1982) e Heine, Claudi e Hünemeyer (1991), cuja trajetória de mudança está correlacionada às funções ideacional > textual, permeadas pela função interpessoal.

Halliday (1970; 1976) assume que cada elemento da língua está relacionado com a sua função no sistema linguístico total, sendo, assim, de natureza multifuncional, uma vez que as funções da linguagem são indissociáveis e têm implicação mútua. Isso não impede, entretanto, que em dados contextos específicos, uma dessas funções predomine e seja mais saliente do que as demais, fazendo com que uma dada forma seja associada a uma dada função. Os marcadores discursivos de natureza *basicamente interpessoal* são caracterizados por desempenhar funções relacionadas à organização da fala, nos planos:

a) *interpessoal*, atuando como elemento de contato entre os interlocutores, pedindo a aquiescência do ouvinte e/ou mantendo o fluxo conversacional (MACEDO; SILVA, 1996);

b) *interpessoal e textual*, solicitando a atenção do ouvinte para certas partes do texto dando relevo, na função de focalização, àquilo que os antecede (TRAVAGLIA, 1999; VALLE, 2001; GÖRSKI; GIBBON; VALLE; DAL MAGO; TAVARES, 2003);

c) *rítmico*, atuando como marcadores de ritmo (formas automatizadas), ou “pontuantes”, perdendo sua modulação interrogativa (VINCENT; VOTRE; LAFOREST, 1993).

Nem sempre é possível delimitar uma função da outra, e, por isso, uma mesma forma pode desempenhar simultaneamente as três funções. Esses elementos atuam, primariamente, no plano *interpessoal*, dada a sua origem como pergunta (pergunta plena > pergunta semirretórica > pergunta retórica). No plano *interpessoal e textual*, atuam como elementos focalizadores de informações no texto. A focalização de informações está associada à noção de *relevo* (TRAVAGLIA, 1999, p. 77-81): o falante, ao formular seu texto, vale-se do relevo para destacar elementos específicos dentro do texto em relação a outros (relevo positivo); e ocultar ou rebaixar certos elementos em relação a outros (relevo negativo).

A função de relevo positivo recobre funções mais específicas como: ênfase, intensificação, marcação de um valor especial, estabelecimento de contraste, reforço de um argumento, sinal de importância para a estrutura ideacional/informacional, marcação de foco informacional etc., marcadas por diferentes recursos linguísticos (aspectos fônicos, itens lexicais, elementos morfológicos, estruturação sintática, parênteses, recursos expletivos), dentre os quais se inserem os marcadores discursivos. A focalização de informações pode ser considerada uma função de natureza *interpessoal*, pois o falante, por meio de requisitos de apoio discursivo, chama a atenção para determinado trecho ou elemento textual com objetivos pragmáticos de ativar a informação na memória do interlocutor, checar a compreensão do que foi dito, destacar certas informações em relação a outras etc., e também uma função de natureza *textual*, pois os marcadores discursivos podem ser usados para dar relevo a itens e trechos do texto com o objetivo de organizar o texto, ordenando segmentos textuais.

Marcadores prototípicos e não prototípicos

Como visto na seção anterior, os marcadores discursivos de caráter interacional são caracterizados pelas propriedades de atuar como elemento de contato entre os interlocutores pedindo a aquiescência do ouvinte e/ou mantendo o fluxo conversacional (função interpessoal) e por solicitar a atenção do ouvinte para certas partes do texto dando relevo, na função de focalização, àquilo que os antecede (função interpessoal e textual). Assim, seriam representantes prototípicos da categoria itens como *sabe?*, *entendeu?*, *compreende?*, *não é?*, *né?*, *não é não?*, *tá?*, *certo?*, *viu?*, entre outros, como ilustrado em (02) e (03).

- (02) aí:: fiquei lá um tempo fiquei um mandato de três anos e quatro meses ... depois eu saí:: vendi:: as máquinas que eu tinha de Xerox ... éh... tirei meu nome da razão social do bloco que... que tínhamos e:: fui:: botar:: meu negócio ... lanchonete sorveteria:: ... um um bar::... e e não consegui na verdade sozinho gerenciar tudo *né?* (hes) não consegui tomar conta na verdade e:: ... nos nos primeiros quatro meses primeiro peguei a Micarana de dois mil e dois e um me paREce ... micarana de dois mil e dois:: ... e deu MUito dinheiro *né?* só aquilo subiu pra mente o cara era muito novo *né?* (MA 3)
- (03) mas a mi::nha mulher foi FUNdamental:: (hes) em todos os sentidos... pela força que ela me deu coragem ela segurou um TRANco enORme por que se na época eu ganhava ... quatrocentos ela ganhava QUATro mil... *entendeu?* Há um tranco diferente o meu... mal dava pra pagar a faculdade e o táxi... que eu ia de táxi todo dia pra faculdade e voltava ... e voltava que eu não sabia e nem:: sei ainda hoje rodar de ônibus em Aracaju... *entendeu?*

Existem, entretanto, construções que funcionam como marcadores discursivos, embora não se enquadrem prototipicamente na categoria, como as ilustradas em (04)-(07). Essas construções também desempenham funções relacionadas à organização textual do texto falado e interação falante-ouvinte, como pode ser visto a seguir.

- (04) o arroz de forno... você pega o quê? um quilo de arroz bota pra cozinhar... com... com sazón... pode ser pra:: arroz branco... como você preferir... vários gosto de sazón *né?* colocou cozinhou tudo quanto tiver tudo cozinhado... o arroz... assim que você desligar o fogo... você pega dois ovos inteiro... joga dento e mexe... o arroz... que pra untar o arroz... depois do arroz untado... você vai na travessa... coloca o arroz... ai você pode colocar o quê? charque calabresa... escalda o charque... tudo bem picadinho... o charquezinho... escaldou o charque... torrou... separa a calabresa ... cortou ou em fatia ou também em cubinhos... torrou... reserva... depois de tudo reservado...tudo pronto pro recheio... você pode usar o quê? pode usar frango também se preferir... no arroz (MJ 02)
- (05) não conseguia era MUIta:: muita coisa saí do... saí do poder que eu tinha... antes e passei a ter o poder do dinheiro *né?* e o mau gerenciamento acaba o quê? em em falência *né?* (MA 03)
- (06) é verdade verdade porque... lá:: lá é assim... eu não errei mui::to ... eu era físico... como aqui eu sou *né?* nos meus pensamentos ... na minhas... decisões... e LÁ:: eu esqueci: que... eu era::... eLEItó... não indicado... *né?* por político... por momento ... e:: eu:: não pensava duas vezes em:: ser:: ... firme no meu pensamento assim:: ... porque... o que acontece em escola pública? é:: que ... não tão nem aí *né?*... muitos professores não tão nem aí. (MA 03)
- (07) o acidente assim em dois mil e um ... eu tinha... eu tava trabalhando de moto boy... entregava lanche... tinha um ano de... de serviço só... teve uma noite aí que já era umas onze e meia mais ou menos da noite... eu... era... ia ter um evento aqui na cidade... aí não teve... aí foi o maior furdunço... aquela corre-corre ... e tal... o que acontece? um rapaz... um cliente nosso... assim... já de muito tempo... chegou lá e pediu pra entregar um lanche... e a lanchonete como tava... vendi... era um ponto de venda de... de... de ingresso... tava o maior alvoroço ... aquele corre-corre... polícia... gente querendo dinheiro de volta ...e tal... o que acontece? quando eu fui levar esse lanche era:: em torno de umas onze e meia por aí... entreguei o lanche... ao invés de eu voltar pra lanchonete... eu fiz o percurso ... pra arear a cabeça... tal... gostava de passear um

pouquinho... é quando foi na::... na rua:: Eraldo Barbosa... esquina com::... com a Quintino Bocaiúva... aconteceu o acidente. (MA 02)

Os marcadores discursivos prototípicos de base verbal exemplificados em (02) e (03) são originários de um contínuo de pergunta plena > pergunta semirretórica > pergunta retórica, traço que caracteriza seu uso interpessoal (MARTELOTTA; VOTRE; CEZARIO, 1996; MARTELOTTA, 1997; 1998). Neste contínuo, uma pergunta plena é uma pergunta do falante que requer, necessariamente, uma resposta do ouvinte. Para tanto, faz-se necessário que falante e ouvinte compartilhem do mesmo conhecimento semântico-discursivo no contexto da interação. A pergunta semirretórica é uma pergunta feita pelo falante, que é quem a responde. A pergunta retórica é feita pelo falante, mas não é respondida, nem pelo ouvinte, nem pelo falante; é uma pergunta que não requer resposta; segundo Fávero (2000, p. 95), a “pergunta retórica ocorre quando o falante elabora a pergunta, mas já conhece a resposta; usada como recurso para manter o turno ou para estabelecer contato (função fática). Veja-se que, em (02), “e não consegui na verdade sozinho gerenciar tudo *né?*”; “nos primeiros quatro meses primeiro peguei a micarana de dois mil e dois e um me paREce ... micarana de dois mil e dois:: ... e deu MUito dinheiro *né?* só aquilo subiu pra mente o cara era muito novo *né?*”, o marcador discursivo *né?* tem traço de pergunta retórica, na medida em que não é possível ao ouvinte avaliar o conteúdo proposicional, mas, considerando a função textual assumida por *né?*, a pergunta introduzida por marcador está relacionado à clareza do texto, requisitando o apoio do ouvinte (MACEDO; SILVA, 1996): “meu texto está claro até aqui?”(MARTELOTTA, 1997; 1998). Os marcadores que são derivados de verbos de cognição/percepção, como *saber*, *entender*, *ver* etc., deixam mais explícita a origem da função de requisitar o apoio do ouvinte, como em (03).

Em uma pergunta plena, o falante necessita de uma resposta. A sua formulação considera o conhecimento e o compartilhamento de informações, bem como a relevância no contexto comunicativo. Por exemplo, perguntar as horas para uma pessoa que não possui relógio é uma pergunta que está fadada ao fracasso. Assim, uma pergunta feita a um ouvinte que não compartilha das informações presumidas pelo falante está fadada a não ser respondida.

Na visão tradicional considera-se a pergunta um pedido de informação não conhecida, havendo, nesse par dialógico, uma dupla ligação: a uma pergunta segue-se uma resposta que, por sua vez, é decorrente de uma pergunta, o que acaba por levar a uma circularidade inevitável, geralmente aceita como necessária. (FÁVERO, 2000, p. 86)

Mas, por que o falante faz a pergunta e ele mesmo a responde? Evidentemente, o falante não quer a resposta, mas utiliza a pergunta como uma estratégia de focar alguma parte do texto e ao mesmo tempo manter a atenção do seu ouvinte. Essas funções estão associadas aos marcadores discursivos interacionais (FREITAG, 2008; 2009). Veja-se (04), em que o falante está passando uma receita. Uma receita é um gênero que se enquadra numa tipologia textual injuntiva, uma vez que instrui como fazer algo. O falante anuncia que a sua receita será de “arroz de forno” e pergunta: “você pega o quê?” (construção “*é o quê?*”). Mesmo que o ouvinte conheça o prato arroz de forno, a ordem de apresentação de ingrediente pode variar. Ou seja, o ouvinte está sendo questionado, mas não necessariamente compartilha do conhecimento do falante acerca do procedimento da receita. O mesmo se dá com “você pode colocar o quê?” e “você

pode usar o *quê?*”. O modal *poder* nas perguntas amplia o leque de possibilidades de respostas, mas é o próprio falante quem as responde, enumerando o passo seguinte da receita. A resposta requisitada por esse tipo de pergunta da construção *é o quê?* é fechada, limitada ao objeto: *o quê?*. A construção tem comportamento, pois, de pergunta semirretórica, aquela que o falante faz e ele mesmo responde.

Em (05), “mau gerenciamento acaba em que?” é outra construção do tipo *é o quê?*. Essa construção também se configura como uma pergunta semirretórica. Note-se que o tipo textual em que a construção ocorre é outro, trata-se de uma sequência narrativa. Uma narrativa é a verbalização de experiências, um dos muitos meios disponíveis para reportar situações passadas que estão armazenadas na biografia do falante/narrador. O ouvinte não compartilha do conhecimento que o falante aciona ao reportar suas situações passadas, embora seja possível inferir a relação semântico-discursiva estabelecida por “mau gerenciamento”. Do ponto de vista sintático, enquanto na pergunta de (04) a resposta é fechada ao objeto, recuperado por *o quê?*, em (05) a pergunta focaliza a relação de modo estabelecida: *em que?*, ou *como?*. Em um contínuo de gramaticalização, a pergunta de (05) pode ser considerada como mais gramaticalizada, na medida em que perde sua restrição inicial de pergunta cujo foco é o objeto para abranger a relação de modo.

As ocorrências em (06) e (07) são construções semelhantes às do tipo *é o quê?* formadas por um verbo específico, *acontece*. Em (06), há uma sequência opinativa e em (07), narrativa. As perguntas do tipo *e o que acontece?* estão cristalizadas no tempo verbal presente do indicativo, apesar de as sequências textuais se reportarem ao tempo passado. Da mesma maneira que nas construções do tipo *é o quê?*, as do tipo *e o que acontece?* também se configuram como perguntas semirretóricas, na medida em que é impossível ao ouvinte inferir as respostas, dado que falante e ouvinte não compartilham do mesmo conhecimento.

A ocorrência da estrutura de pergunta semirretórica se dá em diferentes tipos de sequência discursiva: relato de procedimento (texto injuntivo), em explicações, opiniões e narrativas. Isso pode indicar que a estrutura pode ser considerada como uma estratégia já regularizada na gramática dos falantes.

Na fala de Itabaiana, é bastante recorrente o uso das construções do tipo *é o quê?* e *o que acontece?*, as quais são originadas de perguntas semirretóricas – aquelas em que o falante enuncia e ele mesmo responde –, funcionando como estratégia de interação e também de sequenciação, como ilustrado em (04)-(07). Nessas construções, o tipo de pergunta que as origina não é o mesmo dos marcadores discursivos prototípicos, colocando-as no plano dos marcadores discursivos não prototípicos (SILVA, 1999). Havendo indícios de sua origem e descrição de seu comportamento, podemos evocar uma explicação teórica que dê conta dessas construções, o paradigma funcional da gramaticalização.

Entre a interação e a sequenciação

Dada sua importância na organização do discurso, as estratégias do tipo *é o quê?* e *o que acontece?* não podem ser consideradas elementos apenas de interação, estritamente pragmáticos. Eles desempenham funções gramaticais, relacionadas à organização do texto, e, desse modo, podem ser considerados decorrentes do processo de gramaticalização. Traugott (1995) revisita o papel de elementos que, em princípio, se afirmava estarem passando pelo processo de discursivização, mais especificamente, os

marcadores discursivos, discutindo o lugar que o desenvolvimento de marcadores discursivos ocupa em uma teoria da gramaticalização, especialmente quanto à unidirecionalidade do processo. Traugott defende que os marcadores discursivos também podem ser tratados dentro do paradigma da gramaticalização. Para tanto, é preciso adotar uma visão alargada de gramática que engloba, além de fonologia, morfossintaxe e semântica, também aspectos comunicativos da linguagem, inferências que surgem da forma linguística (como topicalização e dêixis), excluindo somente certos aspectos pragmáticos que incluem conhecimento enciclopédico. Com essa visão de gramática, a definição de gramaticalização é ampliada: gramaticalização é o processo pelo qual um item lexical (ou uma construção), impulsionado por dado contexto pragmático e morfossintático, torna-se gramatical (TRAUGOTT, 1995, p. 1).

O comportamento das perguntas do tipo *é o quê?* assemelha-se ao que é descrito e analisado por Herring (1991), no Tamil. Um traço característico das narrativas orais em Tamil – língua da família dravidiana, com ordem SOV e morfologia aglutinante – é o uso frequente de perguntas retóricas. Herring (1991, p. 257) define pergunta retórica como alguma unidade discursiva que é interrogativa em sua forma, mas que não solicita a resposta. Em Tamil, as perguntas retóricas assumem três formas: as perguntas retóricas clássicas (CRQ), as perguntas retóricas tematizantes (TRQ) e as perguntas retóricas do tipo *tag* (RTag), como na figura 1.

- (1) *“Pāl kuṭikkāta pūnai kūṭa irukkum-ā?”*
milk drink-NEG cat even be-F3NS-Q
‘Is there any cat that doesn’t drink milk?!’ [CRQ]
- (2) *Oru nāḷu puruṣankāraṅ enna ceñcirukkṛāṅ;*
one day husband what do-PERF-PR3MS
‘One day, what did the husband do?’ [TRQ]
- (3) *Inta pañcāyattellām vaippāṅka illai, pakkattu ūrile.*
this panjayat&all hold-F3PL TAG next town-LOC
‘They hold this panjayat (meeting) and all, right? in the next town.’
[RTag]

Figura 1. Tipologia das perguntas em Tamil (HERRING, 1991, p. 257)

As CRQ são as perguntas que se opõem à asserção correspondente: ou seja uma pergunta positiva implica uma asserção negativa e uma pergunta negativa implica uma asserção positiva. As TRQ são perguntas que estabelecem um tema, a partir do qual o narrador elabora a sua narrativa – tal como as perguntas do tipo *é o quê?* no falar itabaiense. Já as RTag correspondem à adição de uma forma específica ao fim das unidades discursivas afirmativas, especificamente a partícula *illaiyā*, cuja tradução seria algo como *não é?* ou *né?*, com funcionamento equivalente aos marcadores discursivos interacionais prototípicos.

Por que os narradores fazem perguntas enquanto contam histórias? Herring (1991) defende que há uma motivação pragmática: as perguntas retóricas não são perguntas de fato, mas sim estratégias para estimular o envolvimento do ouvinte com a histórica, focando os processos de atenção e avaliação. São, pois, estratégias apelativas, uma função expressiva da linguagem. Para além dos limites do domínio da interação,

podemos considerar que a expressividade assume funções de natureza textual, relacionada à organização da informação, tal como na trajetória. Herring (1991, p. 264) argumenta que as perguntas retóricas podem assumir uma trajetória de gramaticalização no subdomínio dos marcadores de articulação de orações, mais especificamente as TRQ como conectivos que estabelecem relação de causa e motivo, e as RTag como relativizadores (ou focalizadores de informação, tal como Travaglia (1999)).

Embora não haja ainda evidências quantitativas da habituação das construções do tipo *é o quê?* e *o que acontece?*, algumas evidências da perda da autonomia podem ser percebidas. A primeira delas é o fato de as construções estarem presentes em diferentes tipos de seqüências discursivas, como a narrativa, a injuntiva, opinativa e explanativa. E outra evidência é o fato de a construção *o que acontece?* apresentar-se cristalizada quanto ao tempo verbal, ocorrendo sempre no presente do indicativo, mesmo quando os fatos reportados são passados. As construções encontram-se num estágio intermediário entre a interação e a sequenciação, na medida em que desempenham, ao mesmo tempo, funções relacionadas à interação e à sequenciação.

A agenda de investigação do projeto *Procedimentos discursivos na fala de Itabaiana* está orientada agora para contemplar os contextos linguísticos que desencadeiam os usos das formas e o perfil social dos falantes de cada forma. Os resultados dessa etapa permitiriam uma visão mais ampla do fenômeno, possibilitando a comparação dos usos sociais das formas dentro da mesma comunidade de fala.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAGA, M. L.; ALENCAR, F. A. S. “É o seguinte: ajudar os amigos!” Construções sinalizadoras de elaboração no português do Brasil. In: RONCARATI, C.; VOTRE, S. (Orgs.). *Anthony Julius Naro e a linguística no Brasil: uma homenagem acadêmica*. Rio de Janeiro: FAPERJ/7Letras, 2008. p. 295-305.

CASTILHO, A. T. Para o estudo das unidades discursivas no português falado. In: _____. (Org.). *Português culto falado no Brasil*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1989. p. 249-279.

FÁVERO, L. L. A entrevista na fala e na escrita. In: PRETI, D. (Org.) *Fala e escrita em questão*. São Paulo: Humanitas/USP, 2000. p. 79-88.

FREITAG, R. M. K. Estratégias gramaticalizadas de interação: marcadores discursivos revisitados. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem, ReVEL*, v. 7, n. 13, 2009. Disponível em: <www.revel.inf.br.> Acesso em 18, ago. 2009.

_____. Marcadores discursivos interacionais na fala de Itabaiana/SE. *Revista do GELNE*, Maceió, v. 10, n.1/2, p. 21-32, 2008.

_____. *Procedimentos discursivos na fala de Itabaiana*. Projeto de pesquisa apresentado à Fundação de Apoio à Pesquisa e à Inovação Tecnológica do Estado de Sergipe (Edital Universal 03/2007 FAPITEC/FAP-SE). Universidade Federal de Sergipe. 2007. Mimeo.

GORSKI, E.; GIBBON, A. O.; VALLE, C. R. M.; DAL MAGO, D.; TAVARES, M. A. Fenômenos discursivos: resultados de análises variacionistas como indícios de gramaticalização. In: RONCARATI, C. N.; ABRAÇADO, J. (Orgs.). *Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Niterói, EdUFF, 2003. p. 106-122.

GORSKI, E.; ROST, C. A.; DAL MAGO, D. Aspectos pragmáticos da mudança via gramaticalização. In: CHRISTIANO, M. E.; SILVA, C. R.; HORA, D. (Orgs.). *Funcionalismo e gramaticalização: teoria, análise, ensino*. João Pessoa: Ideia, 2004. p. 29-64.

HALLIDAY, M. A. K. *Language structure and language function*. In: LYONS, John (Ed.). *New horizons in linguistics*. Harmondsworth: Penguin Books, 1970. p. 140-165.

_____. *System and function in language*. Oxford: Oxford University Press, 1976.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HERRING, S. The grammaticalization of rethorical questions in Tamil. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (Eds.) *Approaches to grammaticalization*. Philadelphia: John Benjamins, 1991. p. 253-285.

MACEDO, A. T.; SILVA, G. M. O. Análise sociolinguística de alguns marcadores conversacionais In: MACEDO, A. T.; RONCARATI, C. N.; MOLLICA, M. C. (Orgs.) *Variação e discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 11-49.

MARTELOTTA, M. E. T. Trajetórias verbo > marcador discursivo. In: VOTRE, S. J.; MARTELOTTA, M. E. T. (Orgs.). *Trajetórias de gramaticalização e discursivização*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 1998. p. 24-30.

_____. T. Uso do marcador discursivo tá? *Veredas*, v.1, n.1, 1997.

MARTELOTTA, M. E. T.; VOTRE, S. J.; CEZÁRIO, M. M. *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

RISSO, M. S. Marcadores discursivos basicamente seqüenciadores. In: JUBRAN, C.; KOCH, I. (Orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2006. p. 427-496.

RISSO, M. S.; SILVA, G. M. O.; URBANO, H. Traços definidores dos marcadores discursivos. In: JUBRAN, C.; KOCH, I. (Orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2006. p. 403-425.

SILVA, G. M. O. Anatomia e fisiologia dos marcadores discursivos não prototípicos. In: NEVES, M. H. M. (Org.). *Gramática do português falado*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Campinas: Editora da Unicamp, 1999. p. 297-347.

TRAUGOTT, E. C. *The role of the development of discourse markers in a theory of grammaticalization*. Comunicação apresentada no XII INTERNATIONAL CONGRESS OF HISTORIC LINGUISTICS, 1995. Disponível em: <<http://www.stanford.edu/~traugott/ect-papersonline.html>>. Acesso em: 08 dez 1998.

_____. From propositional to textual and expressive meanings: some semantic-pragmatic aspects of grammaticalization. In: LEHMMAN, W., MALKIEL, Y. (Eds.) *Perspectives on historical linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 1982. p. 245-271.

TRAVAGLIA, L. C. O relevo no português falado: tipos e estratégias, processos e recursos. In: NEVES, M. H. M. (Org.). *Gramática do português falado*. Vol. VII. Campinas: Ed. da UNICAMP/FAPESP, 1999. p. 167-215.

URBANO, H. Marcadores discursivos basicamente interacionais. In: JUBRAN, C.; KOCH, I. (Orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2006. p. 170-201.

VALLE, C. R. M. *SABE? ~ NÃO TEM? ~ ENTENDE?*: itens de origem verbal em variação como requisitos de apoio discursivos. 2001. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

VINCENT, D.; VOTRE, S.; LAFOREST, M. Grammaticalisation et post-grammaticalisation. *Langues et Linguistique*, Montreal, n. 19, p. 71-113, 1993.